



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

ENTRE MALAS E CUECAS

Marcos Roberto Inhauser

Nunca o brasileiro tinha visto tanto dinheiro junto como nestes dias. Há um sentimento de indignação nacional. Há gente que sabe como fazer chover dinheiro do céu: o Marcos Valério, o José Adalberto (petista do Ceará) e o bispo da Universal.

O primeiro conseguiu pela estranha coincidência de ser amigo do tesoureiro do PT e de alguns dirigentes do partido. Indagado, com a maior cara-de-pau do mundo e riso irônico, disse que era coincidência, que tudo estava na sua contabilidade e que pagar em espécie é normal.

O petista é um caso do agronegócio do Brasil. Sabemos que este segmento tem crescido ao ponto de um filho de um lavrador de agricultura familiar, conseguir trazer do Ceará para São Paulo verduras que lhe rendem a soma de quinhentos mil reais.

O terceiro, com dinheiro literalmente caído do céu, aparece dizendo que os mais de dez milhões eram fruto de ofertas de fiéis em gratidão a Deus pelos vinte e oito anos de vida da maior empresa religiosa do Brasil.

Como cidadão comum, que não tenho verduras, nem agência de publicidade, nem sou amigo do Delúbio e do Zé Dirceu, que não sou bispo universal, e que tenho minhas insônias pensando na cor das minhas contas bancárias que insistem em não sair do vermelho, sinto-me ridicularizado, insultado e zombado. Acho que este sentimento não é só meu. Como brasileiros, estamos nos sentindo ofendidos na nossa inteligência pelos protagonistas destes fatos e pelos que estão a investigar, notadamente os parlamentares da CPI. O nível das discussões, a ingenuidade de certas perguntas, o desejo de falar para aparecer na TV, as demonstrações de gauchismo (especialmente por parte do Ônix, deputado gaúcho) fazem a CPI se transformar em circo, para repetir o anão ACM Neto.

Neste imbróglcio todo há questões que preciso de ajuda para entender. Na minha aritmética, cem mil em notas de cem são mil notas de dólares. Em termos de volume, custa-me crer que isto caiba em uma cueca, sem que isto seja visível, especialmente em alguém que não é gordo. Ou, a outra pergunta, que tamanho tinha esta cueca?

Um homem que tem muitas amizades políticas, que circulava pelos gabinetes, que pagava contas deste e daquele, que pagou quase um milhão para um procurador que cancelava débitos fiscais, que era amigo de banqueiros, que apresentou fazendas fantasmas como garantia ao INSS, teve que ser denunciado pelo Jefferson para ser conhecido da receita, da PF e da inteligência?

Não me é difícil acreditar que os dez milhões das malas sejam fruto de ofertas religiosas, mesmo porque a Universal é a maior especialista neste país em arrancar dinheiro de pobres e angustiados. As perguntas que não querem calar são: qual a garantia de que todo o dinheiro arrecadado seria devidamente contabilizado? Quanto seria destinado às contas denunciadas pela Revista IstoÉ que o Marcelo Crivela teria no exterior? Justamente ele que disse que os bancos não aceitam depósito em espécies de pequeno valor. Com explicações como esta, ele se candidata a trabalhar no Zorra Total, Casseta e Planeta ou Praça da Alegria